

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Acrísio Gonçalves de Oliveira (2021) | Imagem: Acervo do autor/[Tribuna Cultural](#).

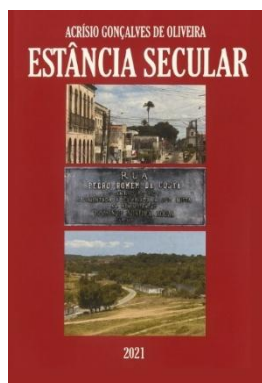
Jornalismo e memória – Resenha de *Estância secular*, de Acrísio Gonçalves de Oliveira

Camila Pereira Mascarenhas de Alencar (UFS)

Resumo: *Estância Secular*, de Acrísio Gonçalves de Oliveira, objetiva fortalecer a memória histórica de Estância por meio de artigos revisados e aprofundados. Apresenta limitações na linearidade e consistência argumentativa. Entretanto, destaca-se pela articulação de múltiplas fontes, diálogo com temas nacionais e valorização da cultura estanciana.

Palavras-chave: Estância/SE; memória local; imprensa; história sergipana.

Estância Secular, publicado em 2021 pela Gráfica Editora J. Andrade, foi escrito pelo professor Acrísio Gonçalves de Oliveira e possui 344 páginas. Estruturada como um relato de memória, a obra reúne quase todos os artigos que foram publicados nos periódicos *A Tribuna Cultural*, *Folha da Região*, *Jornal do Dia* e na revista *Cumbuca*, abordando-os com mais aprofundamento a fim de gerar novas interpretações.



Acrísio Gonçalves, apesar de ser graduado em licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Sergipe, é um ferrenho pesquisador e entusiasta da história sergipana, aliando rigor investigativo ao compromisso com a valorização da memória. Além de *Estância Secular*, ele também escreveu o *Santa Luzia do Itanhy: primórdios de Sergipe*, lançado no final de 2024. O prefácio é escrito por sete profissionais de áreas diferentes, todos naturais de Estância. São eles: Railda Silva, professora; Rubens Sousa, professor; José Domingos, professor; Miguel Viana, membro da Academia Estanciana de Letras (AEL); Hilton Tarquínio, poeta e professor; Joildo Dante, poeta e membro da AEL; e Marcelo Vieira, professor.

Os prefaciadores ressaltam a importância da obra para a historiografia sergipana e manifestam entusiasmo diante da redescoberta de fatos já conhecidos, agora sob novas perspectivas, que ampliaram sua compreensão sobre a história e a cultura da cidade.

O livro está estruturado em 33 tópicos dispostos de forma não cronológica. Para facilitar a compreensão do conteúdo, dividi os textos em cinco grupos com base nos principais eixos temáticos abordados: jornal em Sergipe (tópicos 1, 2 e 3); aspectos urbanísticos (tópicos 4, 5, 6, 16, 18, 20, 22, 26, 27 e 28); festividades (tópicos 8, 9, 10, 11, 12, 29, 30 e 31); personagens importantes em Estância (tópicos 13, 15, 17 e 23); e aspectos sociais (tópicos 14, 21, 24, 25, 32 e 33).

No primeiro grupo, “jornal em Sergipe”, Acrísio aborda o início oficial da imprensa no Brasil, marcado pela chegada da Família Real portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, e o pioneirismo de Estância no cenário estadual, por meio da criação do *Recopilador Sergipano* em 1832. Ele atribui importância merecida aos tipógrafos, profissionais responsáveis pela composição e impressão dos textos dos jornais, incluindo entrevistas feitas com técnicos que trabalharam em periódicos da cidade, como o *Folha Trabalhista*, *Voz Industrial* e a *Gazeta de Estância*. Ele também destaca a celebração do centenário do *Recopilador Sergipano*, que acabou sendo realizada em 1933, um ano depois do planejado, devido às dificuldades financeiras e políticas enfrentadas pelo país naquela década.

Nos “aspectos urbanísticos”, o autor aborda diversas transformações que ocorreram na cidade, como a chegada da energia elétrica em 1924 e o estabelecimento de trapiches, incluindo o Novo, o Costa e o Cachoeira, no Porto d’Areia, localizado às margens do Rio Piauí e construído no século XVIII. Ao investigar a evolução urbana, ele analisa os nomes antigos das ruas e propõe interpretações etimológicas e históricas. Um exemplo é a investigação sobre a possível existência de uma ópera na cidade, a partir da antiga Rua da Ópera (ou da Opa), atual Rua Floriano Peixoto. O autor também destaca a implantação de monumentos religiosos, como o Cruzeiro do Novo Século, marco da passagem do século XIX para o XX, e o Cristo, ambos localizados no Alto da Conceição. Entre as obras que favoreceram o desenvolvimento econômico de Estância estão a Ponte do Bonfim, principal conexão entre a área central e o bairro Além da Ponte (atual Bonfim), e a Ponte da Cachoeira, que ligou a cidade às vilas vizinhas no sul do estado.

Em “festividades”, Carnaval e São João são discutidos, não apenas como eventos culturais, mas como aspectos da identidade estanciana. No mês de junho, o destaque recai sobre o busca-pé e o barco de fogo, símbolos tradicionais das celebrações juninas, nos quais o autor discorre sobre seus surgimentos, expansões, eventuais proibições e restrições. O carnaval na cidade também sofreu com embargos nos séculos XIX e XX. Contudo, segundo o autor, isso não impediu que a população comemorasse do seu jeito, muitas vezes unindo confete e críticas ao governo, resultando em uma tradição que persiste até hoje.

O autor faz questão de incluir figuras importantes para a memória de Estância em sua obra. Jorge Amado, o único não estanciano da lista, refugiou-se na cidade nos últimos anos da década de 1930. De acordo com o autor, ele contribuiu para a cultura local, “incentivou festas populares, inovou o teatro” (p. 156), além de ter usufruído da cidade como fonte de inspiração para seus romances. Outro escritor abordado no livro é José Antônio Pereira Barreto, poeta que, enquanto residia no Rio de Janeiro, assassinou a esposa grávida, crime pelo qual foi absolvido. O poeta Manuel Rodrigues do Nascimento, conhecido como Nhô (ou Nhô) Galo, é citado frequentemente ao longo da obra por conta dos seus escritos sobre Estância. O mandato de Graccho Cardoso como presidente do Estado de Sergipe recebe destaque nesta parte do livro. Ao longo de quatro itens, o autor discorre os múltiplos feitos realizados na cidade durante seu mandato, como a fundação do Grupo Escolar Gumercindo Bessa, o calçamento da Ladeira do Porto d’Areia e a implementação da feira livre.

Nos “aspectos sociais”, Oliveira aborda temas sensíveis como escravidão, epidemias e estrutura populacional, com especial atenção ao uso da imprensa na disseminação de notícias sobre fugas de escravizados, que vinham acompanhadas de atraentes recompensas. Ele aponta que, em 2018, a sociedade estanciana também foi afligida por duas doenças: o impaludismo, também conhecido como malária, e a “peste da guerra”, que se espalhou por Sergipe após a chegada do navio Itapacy no porto de Aracaju, e vitimou 77 pessoas em Estância.

Embora a ausência de uma estrutura cronológica seja justificada pelo gênero da obra, em certos momentos ela prejudica a linearidade do raciocínio, exigindo do leitor um esforço maior para conectar temporalmente os eventos. O tom especulativo de Oliveira, ao sugerir interpretações sem impor certezas, compromete a consistência argumentativa, especialmente na ausência de fontes que sustentem as hipóteses levantadas.

Por outro lado, um dos maiores méritos de *Estância Secular* está na articulação entre fontes diversas, como jornais, registros orais, documentos públicos e fotografias da época, de forma coesa, acessível e intelectualmente instigante. Embora focalize uma cidade, o livro também dialoga com temas nacionais, como escravidão e urbanização, e com o contexto estadual, demonstrando a importância da cidade para o cenário sergipano além do aspecto político-econômico. A inclusão de sete prefaciadores naturais de Estância, com formações distintas, reforça o caráter plural da obra, dando voz a diferentes olhares sobre o local e sua importância.

Apesar de sua relevância, a obra é quase inacessível para leitores que residem fora de Estância. Até o momento desta publicação, os únicos exemplares se encontravam disponíveis na Biblioteca Pública Municipal – Monsenhor Silveira, no centro da cidade, onde também é possível acessar outras publicações de autores locais e fazer empréstimos de obras mediante cadastro prévio. Esse obstáculo pode ser superado por futuras políticas

públicas de fomento à publicação e à distribuição de obras regionais em bibliotecas municipais.

Em síntese, a leitura do livro é recomendada não só para pesquisadores da história do Nordeste, da imprensa regional e da formação das cidades brasileiras, mas também para os interessados na história de Estância e sua posição dentro do cenário estadual. Portanto, pode-se afirmar que Oliveira cumpre seu objetivo de fortalecer a memória local, trazendo fatos já conhecidos, mas sob uma perspectiva jornalística, resultado de uma vasta pesquisa realizada especialmente em arquivos públicos. A obra comprova que a sociedade estanciana, que já tem muito pelo que se orgulhar, agora possui mais um motivo.

Referências

OLIVEIRA, Acrísio Gonçalves de. *Estância secular*. Aracaju: J. Andrade, 2021.

Sumário de *Estância Secular*

1. O Jornal da Vila do Monsenhor
2. Pelas mãos, pelos dedos, à unha: a arte dos tipógrafos do jornalismo estanciano
3. *Recopilador Sergipano*: a festa dos 100 e dos seus 185 anos!
4. Das ruas: pistas da história
5. Uma rua estanciana: entre o sagrado e o profano
6. Desde Além da Ponte ao Bairro Bonfim
7. Ponte da Cachoeira – a primeira da Província
8. Busca-pé: uma viagem brasileira
9. Do rugir das tabocas ao voo dos Barcos de Fogo
10. Perto do fogo: o mundo imaginário dos fogueteiros estancianos
11. Viva o São João, olha o Busca-pé!
12. Proibição
- 13.... Da casa malassombrada
14. O despertar de uma Vila
15. A tragédia do “Risada do Tigre”: um poeta estanciano em terra fluminense
16. Das noites de lua, das noites de lampião, noites de completa escuridão
17. Graccho, estanciano, Presidente
18. O Grupo Escolar
19. Homenagens
20. A luz elétrica
21. A revolta
22. Conclusão
23. Encantos e desafios da emblemática Ladeira do Burumburum
24. Manuel Rodrigues do Nascimento (Nô Galo) – poeta das reminiscências estancianas
25. No silêncio da escravidão estanciana: martírio e fuga
- 26.... E os escravos fugiam
27. Pelas águas do Porto d’Areia
28. Cruzeiro do século: ao sopro do vento
29. No Caminho do Porto: o Cristo, a Cruz e o Alto da Conceição
30. Primórdios do carnaval da Cidade Jardim
- 31.... Mas o carnaval voltaria
32. O carnaval de 1914

33. Tempos de guerra e febre
34. O Carnaval, a Guerra, a Fome, a Peste
Conclusão
Fontes de Pesquisas
Apêndice – Calendários

Resenhista



Camila Pereira Mascarenhas de Alencar é mestranda em História e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1065340451966840>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4456-5406>; E-mail: camilaufs2016@gmail.com.

Para citar esta resenha

OLIVEIRA, Acrísio Gonçalves de. *Estância secular*. Aracaju: J. Andrade, 2021. 344 p.
Resenha de: ALENCAR, Camila Pereira Mascarenhas de. Jornalismo e memória. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 21, p. 21-25, jan./fev., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).